



1999

**CES**

**4º**

**Caderno**

**de**

**TEXTOS**

## Caderno de texto

## ÍNDICE

- 5 [Apresentação](#)
- 7 - [Atuação da Força Sindical](#)
- 16 - [Imprensa nos sindicatos](#)
- 25 - [Evolução das sociedades](#)
- 34 - [Greve de Contagem em 68](#)
- 45 - [A insurreição de 35](#)
- 52 - [Relação dos conveniados](#)

### **EXPEDIENTE**

Este livreto é uma publicação do Centro de estudos  
Sindicais(CES).

Sede:Rua Monsenhor Passalacqua, 158, Bela Vista  
São Paulo, SP, Cep 01323-010, Fone/Fax (011) 284-2296

#### **Edição**

Altamiro Borges

#### **Editoração eletrônica**

Sandra Luiz Alves  
(fone: 288-8685)

#### **Revisão:**

Marcia de Almeida  
Josenildo Marques

#### **Impressão e acabamento:**

Gráfica Giramundo

#### **Observação:**

Os textos publicados não refletem obrigatoriamente as opiniões da  
coordenação nacional do Centro de estudos Sindicais(CES).

## Caderno de texto

## Caderno de texto

# Fruto do esforço teórico



Em março do ano passado, o Centro de Estudos Sindicais (CES) publicou as cinco primeiras monografias escritas pelos participantes do seu Convênio Nacional de Formação dos Monitores. Na oportunidade, afirmava-se nesta mesma apresentação que a iniciativa "enche de satisfação e orgulho a

coordenação do CES, por representar um esforço de elaboração dos próprios sindicalistas".

Agora, publicamos mais cinco textos. Esse resultado positivo é fruto de longa caminhada. Em junho de 92, o CES, que até então apenas oferecia seus cursos, iniciou um projeto ousado e criativo de formação de monitores. Através de convênios firmados com várias entidades, ele passou a realizar semestralmente cursos e seminários para multiplicar o número de formadores sindicais. O objetivo era permitir que cada sindicato montasse sua própria equipe de monitores. Desde o início deste projeto, o CES adotou o uma linha ampla e pluralista, estimulando a polêmica franca e madura sem dogmatismo ou doutrinário. Para isso, contou com a valiosa contribuição de estudiosos da questão sindical, que ajudaram a incentivar o senso crítico dos participantes do convênio.

Outra rica experiência deu-se no terreno metodológico. Os cursos superaram a fase do módulo pronto e acabado. Os próprios monitores, a partir das exposições iniciais da leitura individual é do acúmulo pessoal, passaram a elaborar os roteiros de aula. Estes eram expostos aos participantes, que apresentavam suas críticas e sugestões, contribuído para melhorar o roteiro básico.

É exatamente nesta trajetória do Convênio Nacional de Formação de Monitores que surge a idéia de desafiar os participantes a escreverem pequenas "monografias" sobre temas de interesse do sindicalismo. O objetivo maior era o de estimular o gosto pelo estudo individual e pela elaboração teórica. Uma meta ousada quando se conhece o praticismo que contamina o movimento sindical.

Apesar dos obstáculos, esse objetivo está sendo atingido. O CES já publicou dez "monografias" e outras estão a caminho para os próximos Cadernos. Os monitores que aceitaram o desafio estão de parabéns. Os textos a seguir, de exclusiva responsabilidade dos seus autores,

Caderno de texto  
representam o esforço intelectual da elaboração teórica decisivo no atual  
estágio da luta de classes no país.

***Coordenação do CES Abril de 1996***

## A política da Força Sindical

Márcio Dias \*



*" É certo que o sindicalismo brasileiro sempre esteve infestado de pelegos, e a CUT deles não escapa. Mas se temos em mente um tipo ideal de pelego, como tantos houve neste país, desde o Estado Novo, ninguém tem melhor o perfil do que o sr. Luís Antonio de Medeiros".  
Diário Popular, 10/02/94*

Para se compreender a origem da Força Sindical é necessário estudar primeiro a atuação do chamado "sindicalismo de resultados". Isto porque foi a partir deste movimento que se formaram os ingredientes da filosofia política que deu as condições para o surgimento desta central.

No final da década de 70, os trabalhadores retomaram em grande escala as suas mobilizações

políticas e sindicais. Isto numa conjuntura em que os militares já estavam bastante desgastados e não tinham mais como retardar a tal abertura democrática no país. Todos os anos anteriores de perseguição, torturas, assassinatos e expurgos não foram

## Caderno de texto



suficiente  
s para a  
burguesia,  
através dos  
militares, sufocar  
o ímpeto dos  
operários na sua  
luta contra a  
exploração.

È inegável  
que tudo isso  
fragilizou o  
sindicalismo  
brasileiro. Mas os

velhos pelegos intervencionistas, que tanto prejudicaram a luta operária, já não conseguiam enganar os trabalhadores. A partir desta constatação, surgia um grande problema para a burguesia: toda aquela retomada das lutas estava sob a direção de um núcleo sindical com idéias de esquerda e já vislumbrava-se a formação de uma forte e combativa organização sindical.

---

\* Diretor do Sindicato dos Petroleiros do Rio Grande do Norte (Sindipetro / RN)



## Caderno de texto

Além de entrar em choque com os patrões e os governos, esse movimento combativo se opunha às concepções atrasadas dos antigos pelegos e também dos sindicalistas cassados pela ditadura - na maioria do PCB -, que viam nele a perda do seu espaço. São Paulo, por sua importância política e econômica, não poderia ter seu operariado dirigido por um sindicalismo classista estava bem claro para o empresariado.

### **Contexto da fundação da nova central**

Foi esse quadro contraditório que possibilitou que Medeiros chegasse à presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. A oposição sindical, embora forte nas fábricas, saiu dividida e Medeiros venceu o pleito com o apoio dos aposentados. O "sindicalismo de resultados" começava a criar as suas bases, pregando a conciliação de classes e a defesa do capitalismo. Na época, ele tinha dois interlocutores privilegiados: Magri e Medeiros. Eles faziam o papel, tão ansiado pela burguesia, de superar os pelegos tradicionais.

Segundo Rogério Magri, a origem do termo "sindicalismo de resultados" surgiu durante um programa de televisão do jornalista Ferreira Neto. Eu desafiei o Meneguelli, presidente da CUT, a dizer quais os resultados que ele tinha conseguido para os trabalhadores com seu discurso para que pudéssemos comparar com aquilo que eu tinha conseguido. Desde então, a imprensa começou a usar o termo". (*Folha de S. Paulo.* 01/05/88)

Aloysio Azevedo, Um dos principais teóricos deste movimento na época, lembra, entretanto, que essa concepção não é nenhuma novidade no mundo sindical. "Essa forma de sindicalismo de resultados, é verdade, aparece de forma bastante cristalina nos Estados Unidos. Os sindicatos são criados no regime capitalista. Logo são instituições que servem à produção do capital e a luta sindical é essencialmente reformista". (*O Estado de S. Paulo.* 10/08/87)

O sindicalismo de resultados nasceu com essa visão reformista. Porém, para que prosperasse, foi necessário encontrar todo um ambiente propício, o que ocorreu no final dos anos oitenta. Os trabalhadores vinham de frustrantes derrotas políticas, diretas já e colégio eleitoral. No terreno econômico, também não conquistavam vitórias. É nesse clima de desilusão e com a

## Caderno de texto

estrondosa carga da mídia que o governo chama as centrais para o pacto social, no final de 88.

*"Um amazonense, casado, um filho, subiu de presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo para o novo herói no horário nobre da televisão. Trata-se de Luís Antonio de Medeiros, que ao aceitar conversar com os empresários e o governo, passou a encenar o pacto social. Acredita no capitalismo: 'se o capital estrangeiro deixar o país, faço greve, ele afirma". (Jornal do Brasil, 06/11/88)*

### **Instrumento refinado do neoliberalismo**

Durante dez anos, a CUT ocupou praticamente sozinha o espaço sindical. Ela liderava os trabalhadores nas greves, ocupações de terra e bloqueios de rodovias. Na época, seu estatuto afirmava: " A CUT é uma organização sindical de massas, de caráter classista, autônomo e democrático, cujos fundamentos são o compromisso com a defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora, a luta por melhores condições de vida e trabalho e o engajamento no processo de transformação da sociedade brasileira em direção à democracia e ao socialismo".

É claro que a burguesia não assistiria passivamente esse tipo de contestação ao capitalismo. O sindicalismo de resultados, desde a eleição de Medeiros até a criação da Força Sindical, em março 91, aperfeiçoou sua elaboração teórica. Quando surgiu, alguns cutistas tiveram dificuldades para compreender o seu significado. A expressão mais usada para defini-la era o de Farsa Sindical. O trocadilho mostrava, em certos casos, a existência de uma idéia simplista de que esta central seria a continuidade dos antigos pelegos.

Com o passar dos anos, os setores combativos tiveram que cair na real e admitir que tinha surgido uma nova central com conteúdo ideológico refinado e que não exploração. Porém, ela aplicaria essa política de maneira refinada, ativa e envolvente. As formulações econômicas, políticas e sociais expressas por ela estão em completa sintonia com os princípios neoliberais.

## Caderno de texto

Para Medeiros, "trabalhadores e empresários não são inimigos. Eles podem ter divergências e interesses conflitantes, mas ambos desejam uma economia estável, com empresas saudáveis, que garantam maior nível de emprego e melhores salários. A união, a parceria da força do trabalho com o poder do capital, é



indispensável neste momento de extremas dificuldades, para a retomada do desenvolvimento, para tirar o país da crise e impulsioná-lo no caminho da modernização. Ambos são os principais agentes responsáveis pelo futuro do país.

Eles devem ser sócios da modernidade".

### ***Principais conceitos desta concepção***

Esta pérola foi escrita por Medeiros em "parceria" com Mário Amato, na época presidente da poderosa federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) .  
O *Estado de S.Paulo*, 14/06/92 .

Em dezenas de artigos e entrevistas, Medeiros não perde a oportunidade para defender o projeto neoliberal e o pacto social. Ele é um militante xiita na defesa do sistema capitalista. "O capitalismo venceu no Brasil e os trabalhadores querem o capitalismo". (*Folha de s. Paulo*, 20/08/87)

## Caderno de texto

Quanto à atuação dos sindicatos, seus escritos dizem tudo: "Entendo que esse tipo de sindicalismo, de tomar o poder, fazer revolução social, está superado. O sindicalismo, hoje, tem alguns objetivos: melhores condições de trabalho, melhores salários,



defesa da dignidade do trabalhador".

(*Diário Popular*, 07110190). O sindicato serviria apenas para negociar, sem nunca

contestar o sistema e a ordem política existente. "Todo sindicato que se preza faz parte da reprodução capitalista. Porque, qual o objetivo do sindicato? É lutar para vender a mão-de-obra pelo preço mais alto possível".

A compreensão de que o sindicato é um mero instrumento do aparato capitalista, adaptado às leis de mercado e à ordem burguesa, fez com que a Força Sindical difundisse a idéia do apoliticismo para afastar os operários dos partidos de esquerda. Essa pregação foi o trunfo usado por Medeiros para negar o papel do partido revolucionário. "A partidarização leva o sindicato a se afastar dos trabalhadores, a ser mero porta-voz de partidos políticos, a tratar de assuntos que não dizem respeito ao sindicato". (*revista Senhor*, 30/06/87).

É claro que seus "parceiros" o aplaudiram de pé por este serviço. A mídia deu enormes espaços para apresentar Medeiros como apolítico e apartidário. Mas a evolução do quadro político fez cair a sua máscara. O falso discurso foi substituído para atender aos interesses do capital e mesmo os pessoais, carreiristas. Em 30 de janeiro de 1994, Medeiros é saudado em Brasília durante a Convenção Nacional do Partido Progressista (PP), que lançou Álvaro Dias para as eleições presidenciais. Em março do mesmo

## Caderno de texto

ano, era a vez dele próprio ser lançado como candidato ao governo de São Paulo, com apoio de Paulo Maluf.

### **Ação prioritária na mídia burguesa**

Medeiros insiste sempre na defesa do pacto social, do acordo tripartite entre governo, empresários e "sindicatos" Para ele, "de fato o trabalhador anseia por melhores condições de trabalho e melhores salários e não pela derrocada do capitalismo" (*Jornal da Brasil*, 23/08/87)

Outro é a ação contra a unidade de classe dos assalariados. No máximo, esta central e suas filiadas jogam na pulverização das lutas operárias, nas pequenas greves localizadas e economicistas.



Procuram sempre evitar a união de classe que faz avançar a luta no campo político. A Força Sindical tem como tática impedir que os operários conheçam seu poder, além disso, essa central desenvolve

uma campanha aberta contra o sindicalismo classista, revolucionário. Atua na lógica corporativa e sempre com uma marca cupulista, dificultando a organização autônoma nos locais de trabalho. Medeiros alardeia que no Sindicato dos Metalúrgicos existem 5 mil delegados sindicais, na verdade, a maioria é formada por representantes indicados pela entidade e não eleitos democraticamente pelos trabalhadores. Serve ao jogo da cooptação patronal, ao grande líder, e para identificar os focos de luta classista

Outra prática conhecida dessa corrente é o da negação da democracia sindical. Nas assembléias da maioria dos sindicatos dirigidos pela Força Sindical só fala quem é subserviente à política

## Caderno de texto

da central. Nos encontros, cursos e congressos, os delegados são escolhidos a dedo e as lideranças de oposição nem entram. Para garantir a "ordem", capangas armados estão prontos para agir a qualquer momento. A postura autoritária, mafiosa, é uma marca da corrente de Medeiros.

Quanto às reivindicações históricas dos trabalhadores brasileiros, há muito que Medeiros ataca duramente bandeiras como as 40 horas semanais e a estabilidade no emprego. Foi esse o seu comportamento na Assembléia Nacional Constituinte, quando se aliou à Fiesp e ao governo para montar o famoso "centrão". Mais recentemente, defendeu abertamente a reforma da previdência e agora prega a reforma administrativa, com o fim da estabilidade do servidor público.

### **Os desafios do sindicalismo classista**

A Força Sindical é a porta-voz do neoliberalismo no meio dos trabalhadores. Ela é defensora aberta do capitalismo. Os inúmeros dados demonstrando a situação lamentável da humanidade não servem como argumento contra esse sistema. Segundo Medeiros, essas barbaridades são fruto apenas da política desastrosa de alguns governos e da ganância de poucos "capitalistas selvagens". Ele não credita os atuais e graves problemas à exploração capitalista.

Por tudo o que foi dito, fica evidente que essa concepção sindical não é coisa de simples pelegos. Ela decorre de uma elaboração teórica com objetivos e metas bem definidas. sustenta-se no atual quadro de defensiva mundial da luta dos trabalhadores. Conta com o apoio ostensivo, inclusive financeiro, dos governos burgueses e dos grandes empresários. É alavancada pelo poderoso aparato da mídia em todas as suas ramificações.

Nesse sentido, o combate eficaz a esta concepção coloca enormes desafios e o quadro atual causa preocupação sobre os rumos futuros. Isto porque mesmo o sindicalismo combativo não está conseguindo dar respostas à Força Sindical. A CUT, com sua evidente inclinação para o "neo-reformismo propositivo", está desarmada neste embate. A corrente majoritária da central, Articulação, insiste também no caminho da negociação em

## Caderno de texto

detrimento da luta dos trabalhadores. Ela se transforma numa caricatura da social-democracia, o que dificulta o combate ao neoliberalismo e a sua representante no sindicalismo, a Força Sindical.

Somente um sindicalismo de marca classista poderá fazer frente à essa concepção sindical burguesa. Para isso é preciso conscientizar e organizar o proletariado na luta contra o sistema capitalista. Só com a derrota do capital e a implantação do socialismo é que trabalhadores poderão superar sua situação de penúria: É necessário apresentar propostas que dêem perspectivas concretas à luta dos explorados. Negar o neoliberalismo é uma necessidade mas, afirmar o socialismo é mais do que é isso, é uma questão de sobrevivência.

### **BIBLIOGRAFIA**

- Medeiros, L. Antonio.  
Em busca da modernidade  
Geração Editorial, 1992.
- Araújo, J. Prata de.  
A construção do sindicalismo livre no Brasil.  
Projeto Coleção Sindicalismo.
- Revista Debate Sindical, diversos números.
- Revista Isto É, diversos números.
- Borges, Altamiro. A origem dos sindicatos.  
Texto divulgado pelo Centro de Estudos Sindicais.
- Revista Princípios, diversos números.
- Rodrigues, L.Martins, e Cardoso, A.Moreira.  
Força Sindical: uma análise sócio-política.  
Editora Paz e Terra.
- Giannetti, Vitor.  
Medeiros visto de perto.  
Brasil Urgente Editora.
- Marx e Engels. Cartas filosóficas e Manifesto do Partido  
Comunista de 1948.  
Editora Moraes.

## O papel da imprensa sindical

*José Evangelista da Silva \**



O aparecimento do jornalismo como uma forma de afirmação e imposição de idéias burguesas deu-se no processo de desenvolvimento do capitalismo. Mas a técnica de impressão já era conhecida por volta do ano 731 DC no império chinês, sendo usada para divulgação de comunicados e editais. Também antes de Gutemberg, a quem é atribuída a invenção da imprensa, os romanos já conheciam a fundição dos tipos avulsos na Costa do Marfim. Portanto, a invenção de Gutemberg limita-se à fabricação dos tipos de metais combináveis e utilizáveis multiplamente.

A imprensa sempre teve a função de reproduzir a realidade. Na maioria das vezes, entretanto, ela é utilizada com fins manipuláveis, sendo um importante instrumento político-ideológico. Para a imprensa burguesa, as notícias são mercadorias e, ao mesmo tempo, canais para o desenvolvimento e a afirmação do próprio sistema capitalista. Segundo Ciro Marcondes Filho, o aparecimento da circulação de notícias na sociedade capitalista e sua comercialização estão ligadas à própria introdução do novo modo de produção na fase mercantilista.



## Caderno de texto

Com o desenvolvimento do capitalismo e o aprofundamento das contradições entre o capital e o trabalho nascem as organizações dos trabalhadores para se contrapor à exploração. Com estas, surgiu a necessidade de uma imprensa que denunciasses o sofrimento e opressão porque passava a classe trabalhadora. Ela também aparece como um instrumento de informação capaz de unificar os explorados. Enfim, um instrumento de libertação ideológica.



A história do sindicalismo tem na imprensa sindical um importante instrumento de luta. Ela é o elo de ligação e também de multiplicação de opiniões. É um instrumento de unidade dos trabalhadores na luta contra o capital. É, sem dúvida, o espelho que reflete o nível de organização e combatividade de determinada categoria. No Brasil, a imprensa sindical cumpre o seu papel de vanguarda desde a fundação do jornal "O Proletariado", em

Recife, em 1847, considerado o primeiro veículo de caráter operário.

A imprensa sindical já passou por diversas mudanças na sua história, até mesmo para sobreviver. A jornalista Kardé Mourão, em sua monografia, ressalta que na década de 30 a imprensa sofreu alterações de caráter organizativo e político. Deixou de ser influenciada pelos anarquistas para ser produzida pelos militantes comunistas, vinculados ao partido. Isto evidenciou uma nova orientação política preponderante no movimento operário decorrente do amadurecimento da luta de classes travada em todo mundo.

A imprensa sindical não serve só para informar, mas também para conscientizar e manter a classe operária / trabalhadora unida. Essa talvez seja a principal razão da ira das elites dominantes. A sua destruição e/ou controle sempre foi um anseio daqueles que se sentem incomodados. Tanto é que, não conseguindo cooptá-la, a burguesia por várias vezes buscou controlá-la pela força, subordinando os sindicatos ao Estado burguês e introduzindo mecanismos de controle ideológico sobre a imprensa sindical.

## Caderno de texto

A imprensa dos sindicatos, apesar das suas debilidades, tem cumprido importante papel nos últimos anos. Ela ajuda na formação da consciência de classe dos trabalhadores, através de jornais, boletins, cartilhas, programas de rádio e até de televisão como o programa Contraponto, editado pelo Sindipetro/ Stiep (Bahia) e exibido na TV Aratu (BA), aos sábados, às 18 horas.

Neste texto, quero me reportar apenas à imprensa sindical escrita, sem Contudo negar a importância dos outros meios. Segundo levantamento da Secretaria Nacional de Imprensa e Divulgação da CUT , em 1992 as entidades filiadas a essa central possuíam uma tiragem mensal de 5 milhões de impquina (por sua vez sujeito de vários discursos)".

Ao mesmo tempo em que enfrenta a contrapropaganda patronal constante, a imprensa sindical tem contra si a formação ideológica burguesa dos trabalhadores. Devido à grande lacuna citada acima, este espaço é ocupado e controlado pela burguesia através dos diversos mecanismos de formação, concepção e estruturação profissional. Este problema é com certeza o cerne da limitação da imprensa sindical, como de todo movimento social e popular.

Algumas lideranças sindicais acham que a linguagem deve ser mantida num nível baixo e específico. Menosprezam, portanto, a capacidade do trabalhador de compreender ou de buscar se desenvolver dentro da linha a que se propõe e a que deu origem à imprensa sindical. Por outro lado, alguns profissionais de comunicação não dão a devida atenção a imprensa sindical, tratando-a como se fosse apenas um caso de assessoria de imprensa. Não percebe que esta imprensa é um tipo específico que se originou da necessidade deste instrumento ter cara própria devido a sua singularidade. Que ela deve ser diferente no seu conteúdo e na forma em relação à chamada grande imprensa,

Isto porque ela não existe apenas para divulgação dos acontecimentos, mas sim para analisá-los sobre a ótica de uma determinada classe social. Uma classe que produz mas não tem o controle sobre a produção e nem mesmo o "direito" de consumir o que é produzido. Uma classe que é tolhida no seu desenvolvimento sócio-econômico, intelectual e político. A imprensa sindical representa uma classe que está organizada e representada por um sindicato que busca, apesar de suas limitações, dar respostas aos problemas que a afligem.

Nesse esforço para aprimorar a linguagem é que entendemos que o discurso da imprensa sindical deve ser sempre o da "simplicidade". O pronome pessoal na primeira pessoa do plural

## Caderno de texto

nunca deve ser abandonado na linguagem dos boletins de categoria, sob pena do seu público não se sentir co-responsável por tudo que está escrito e dito na imprensa sindical.

### **A experiência comerciários de Salvador**

Existem no seio do movimento sindical vários problemas que emperram o desenvolvimento de sua imprensa. Um dos principais é, com certeza, a falta de planejamento das entidades. Foi nesse sentido e com essa preocupação que o Sindicato dos Comerciários de Salvador (BA) organizou um projeto de imprensa para atender a demanda específica dos cerca de 150mil trabalhadores da Categoria. Isto procurando respeitar as suas singularidades, como, por exemplo, os diversos ramos de atividades e os diversos níveis de instrução existentes na categoria. Como trabalhar essas diversidades e adversidades?

Elaboramos um projeto com várias metas. O antigo boletim da entidade, "A Voz do Comerciário", que era irregular, passou a ter periodicidade mensal a partir de junho de 1991 -quando assumimos a diretoria de cultura e diários a participarem com visão crítica deste debate e denunciando os candidatos contrários aos seus anseios. No plebiscito nacional de 93 e durante a revisão constitucional, este espaço esteve reservado para abordar estes temas. Nesta coluna, "sazonal", são usadas matérias dos informativos de Brasília, traduzidas na linguagem da categoria. Já a página 4 traz a coluna "Opinião", que publica diversas contribuições, como poesia, críticas, reivindicações etc.

Em nosso projeto, fixamos uma tiragem de 20 mil boletins, com uma regularidade mensal, que passaria a ser quinzenal, depois semanal e posteriormente diário. Essa ainda é uma meta a ser atingida pelo nosso sindicato, considerando a concentração da nossa categoria nos shopping centers e em avenidas. Esse boletim não traria as denúncias dos problemas que ocorrem em cada loja, mas denunciaria os patrões como uma classe que acumula riqueza. Serviria para mostrar à categoria que não ela é a única explorada, mas que faz parte das mazelas do sistema capitalista e é contra ele que devemos cerrar fileiras.

## Caderno de texto

Para contemplar as denúncias específicas, criamos boletins por ramos de atividade, que tem o mesmo fundo do cabeçalho e o logotipo do boletim geral, mas que trazem o seu nome específico. Por exemplo, "O Pacote", informativo dos comerciários em lojas e supermercados. Ele se destaca pela sua história. Nasceu durante a greve do Paes Mendonça, em 87, antes mesmo destes companheiros entrarem para a direção do sindicato. Este boletim trata de todos os assuntos de interesse dos trabalhadores da área, inclusive das picuinhas e denúncias de puxa-sacos, através de apelidos para não identificá-los para os patrões.

O " Auto-Falante" é o boletim específico para os comerciários área de vendas de automóveis, auto-peças, máquinas e equipamentos. "A Geladeira" é o boletim dos comerciários das lojas de móveis e eletrodomésticos. "O Corte" é o boletim específico dos que trabalham nas lojas de tecidos e confecções." A Bula" é dos comerciários em óticas e farmácias. "O Calo", dos comerciários em lojas de calçados. " A Tijolada" é o boletim dos comerciários em lojas de materiais para construção. Além destes, o sindicato edita o boletim "Mulher em Destaque", feito em conjunto com o departamento de assuntos da mulher .

Todos esses boletins são elaborados a partir dos informes e denúncias passadas pelos diretores do sindicatos. Eles colhem as denúncias, vão in loco apurar, preenchem o formulário de denúncia e encaminham ao departamento de imprensa. Este seleciona e encaminha uma cópia para o departamento jurídico, ficando a outra para ser selecionada e subsidiar os boletins específicos. Esses boletins têm regularidade mensal, em dias e semanas diferentes para dar vazão e não acumular o Departamento de Imprensa.

Com esse projeto, logramos alguns sucessos. Ajudamos na organização dos comerciários por setor, impedindo a dispersão decorrente da heterogeneidade da categoria. Impedimos também a criação de outros "sindicatos" em nossa base ao contemplar e administrar os problemas específicos de cada setor. O nosso projeto é de trabalhar sempre o boletim específico junto com o geral para que o comerciário tenha as duas visões necessárias à formação mais coletiva e classista da nossa luta.

Esse projeto foi objeto de debate na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em maio de 1992. O simpósio sobre imprensa sindical contou com a participação de professores, estudantes e profissionais da área. Na ocasião o Sindicato dos Comerciários, foi elogiado pelo seu trabalho

## Caderno de texto

pioneiro. E evidente que existem ainda inúmeros problemas, como o da falta de planejamento e de melhor infra-estrutura.

Mas um problema que talvez seja o maior entrave é o da falta de compreensão sobre a importância da imprensa sindical. Muitas vezes o dirigente sindical, por não ter a compreensão sobre o poder da comunicação, dificulta todo o trabalho nesta área. Para tentar resolver esse problema, as entidades buscam criar os chamados conselhos editoriais. Poucos dão certo, principalmente se não houver uma afinidade pessoal e a mesma concepção entre os membros.

A imprensa sindical tem que ser ágil e prática na informação. As entidades têm que investir mais neste setor, porque é o único que dá o retorno desejado. No relatório do 1º Seminário de Comunicação da Federação dos Bancários do Rio Grande do Sul, em 91, a jornalista Cosette Castro afirmou que "no Sindicato dos Bancários de Porto Alegre a experiência do conselho editorial não deu certo". Foi assim em quase todos os lugares. A imprensa sindical deve ser trabalhada com muito cuidado, respeito, confiança e, acima de tudo, com tranquilidade.

Qualquer incompreensão pode criar sérios entraves ao seu andamento.

## BIBLIOGRAFIA

---

- **Losovsk, D.**  
Marx e os Sindicatos.  
Ed. Anita Garibaldi, São Paulo, 1992
- **Martins, Nilton.**  
Sindicalismo e Relações Trabalhistas.  
Ed. LTR, São Paulo, 1986.
- **Filho, C. Marcondes.**  
Imprensa e Capitalismo.  
Ed. Kairós, São Paulo, 1984.

## Caderno de texto

- **Antunes, Ricardo.**  
O que é Sindicalismo.  
Ed. Brasiliense.
- **Boletim do plano nacional da CUT.**  
Comunicação e Expressão Sindical.
- **Relatório do 11º Seminário de comunicação da FFB/RT, 1992**
- **Giardini, S. Luiz.**  
A Compreensão do Mundo no Discurso Sindical. 1992.
- **Pavan, Rosiver. Comunicação e Formação.**
- **Comunicação é Poder.**
- Texto da resolução sobre temas específicos do 4º Concut, São Paulo, 1991.
- **Lopes, Kardelícia Mourão.**
- **Análise do Boletim Diário do Sindicato dos Bancários da Bahia.** Monografia para o curso de pós-graduação em comunicação da UFBA.
- **Maia, Maria Regina.**  
O Futuro da Mídia Imprensa. V Caderno de Cultura do Sindicato dos Professores de Campinas e Região, nº 17, dezembro de 1993.
- **Oliveira, Denis de.**  
Limites da Imprensa Sindical.  
Revista Debate Sindical, nº 18, abril/maio/junho/95.
- **Araújo, Maria do Carmo.**  
Comunicação Sindical -  
O Caso do Sindicato dos Bancários da Bahia. Trabalho monográfico para bacharel em comunicação social, UNEB, 1991.

## Evolução do modos de produção

**Sônia Corrêa \***

*Assessora da Corrente Sindical Classista (CSC) do Rio Grande do Sul*

O fator decisivo na história é a produção e a reprodução da vida imediata. Isso se dá de duas maneiras:

## Caderno de texto

1) A produção dos meios de existência, como produtos alimentícios, roupas, habitação e os instrumentos necessários a tudo isso;

2) A reprodução do próprio homem, a continuidade da espécie.

Essas duas espécies de produção condicionam a ordem social em que vivem os homens. "Quanto menos desenvolvido é o trabalho, mais restrita é a quantidade de seus produtos e, por consequência a riqueza da sociedade, com tanto maior força se manifesta a influência dominante dos laços de parentesco sobre o regime social". [1]

### **A origem do homem e a "comuna primitiva"**

Em uma época ainda não estabelecida definitivamente, há centenas de milhares de anos, vivia uma raça de macacos antropomorfos desenvolvida. Darwin descreve aproximadamente essa espécie: eram cobertos de pelos, tinham barba, orelhas pontiagudas, viviam nas árvores e formavam manadas.

O passo para a transição do macaco em homem foi o de que mãos e pés precisavam desempenhar funções distintas na busca de alimentos e, ao caminhar pelo chão, os homens passam a adotar uma posição mais erecta. A luta pela sobrevivência faz com que a mão desses antropomorfos se desenvolva no exercício de diversas funções, como o

movimento de "garra". "Vemos pois, põe as mãos não são apenas o órgão de trabalho; são também produto dele". [2]

Esses antepassados que viviam em manadas, agrupados, sentiram a necessidade de dizer algo uns aos outros. A necessidade criou o órgão. Lenta e firmemente a laringe dessa espécie foi se transformando e aos poucos foram se articulando os sons. A linguagem surge a partir do trabalho e pelo trabalho. O trabalho e a linguagem foram dois estímulos para a transformação do cérebro do macaco em cérebro humano.

A partir dessa compreensão, percebe-se que o trabalho é impulsor da sociedade humana. O trabalho começa com a elaboração de instrumentos. São instrumentos de caça e pesca, também utilizados como armas. O consumo da carne resultou em outros importantes avanços: a descoberta do fogo e a domesticação dos animais. O homem aprendeu ainda a adaptar-se a qualquer clima, mesmo que isso o obrigasse a procurar habitação e a cobrir o corpo, surgindo aqui novas atividades.

## Caderno de texto

A agricultura junta-se à caça e à pesca. Nesse período já havia a necessidade da divisão de tarefas como caçar, cuidar da prole etc. Esta etapa, chamada de "comunismo primitivo", caracteriza-se pela inexistência de classes sociais. A divisão do trabalho ocorre de forma natural, sem que haja a exploração de um homem sobre outro.

Resumindo, as principais características da comuna primitiva são: inexistência de classes sociais; produção coletiva para o consumo coletivo; baixa produtividade do trabalho, submetido às condições da natureza; divisão natural do trabalho; inexistência do Estado.

## **O modo de produção escravista**

A sociedade escravista é uma evolução da comuna primitiva. Ela aparece, segundo Morgan, na fase média da barbárie e atinge seu mais alto grau de desenvolvimento

quando Roma e Grécia constituem verdadeiras formações escravistas.

A primeira grande divisão social do trabalho ocorre entre os povos pastoris e as tribos mais atrasadas. Algumas tribos formam grandes rebanhos, que passam a ser a forma preponderante de produção de alimentos. Em contrapartida, outras tribos permanecem como caçadoras, com domínio rudimentar da agricultura. Essa diferença no desenvolvimento provocou profundas mudanças na organização social, dando início ao processo de aumento da produtividade, baseada na propriedade privada e na divisão da sociedade em classes.

Vejamos como se procedeu esta evolução. Conforme vimos anteriormente, na comuna primitiva a propriedade da terra era comum, assim como os produtos da caça e da pesca. Os instrumentos de trabalho, que se resumiam às armas e aos utensílios domésticos, pertenciam ao homem e a mulher respectivamente. A divisão social do trabalho era natural, baseada na diferença de sexo. A produção restringia-se ao consumo diário da coletividade.

Com a criação de gado, muda-se essa situação. O homem, que até aqui era dono do instrumento com que provia a alimentação,



## Caderno de texto

naturalmente passa a ser o dono do produto - o gado -, que aos poucos vai acumulando. A diferenciação entre proprietários e não proprietários de bens e riquezas passa a processar-se. A reprodução rápida do gado cria a necessidade de um grande número de homens para cuidar do rebanho.

Quem desempenhará essa tarefa serão os prisioneiros de guerra, que inicialmente eram mortos e que agora se tornam escravos. O início do processo de formação das classes sociais é determinado pela produção. "A escravidão é a primeira forma de exploração, a forma

típica na antiguidade". [3] O homem escravizado passa a ser o principal produto dessa sociedade, tornando-se mercadoria e sendo apropriado por outro homem.

O trabalho escravo irá produzir excedentes de produção, o que impulsionará o comércio, criando condições para o intercâmbio regular de produtos. A produção será impulsionada ainda a partir da utilização do tear, da fundição de minerais e do trabalho com metais e, depois, com a descoberta do ferro, cujo o emprego impulsionará todos os ramos da produção de armas, do arado para o cultivo e a agricultura em grande escala. A descoberta do ferro acaba por criar a segunda grande divisão do trabalho: a separação entre o artesanato e a agricultura.

As guerras, que antes eram feitas por vingança ou ampliação do território, tornam-se funções regulares e são feitas apenas para saque, fazendo crescer o poder do chefe militar. O processo de surgimento das classes sociais em dado momento deixa de ser determinado pela produção. É quando aparece uma classe de aproveitadores que vive da troca: os comerciantes.

Essa sociedade, como qualquer outra dividida em classes, gera relações conflituosas, estabelecendo a luta de classes. *A fim* de que essas classes não se destruam, surge o Estado, que tinha que ser o Estado da classe economicamente dominante. O Estado dos senhores de escravos.

Sua manutenção criou a força policial-militar e o funcionalismo público. Foram criados os impostos e as dívidas públicas. O Estado

## Caderno de texto

transformou-se numa máquina onerosa e dependente da extorsão de impostos. Esses fatores, entre outros, ajudaram a derrubar o Império Romano e fez passar o tempo da escravidão. A existência desse modo de produção não compensava mais. A população estava empobrecida e não havia mercado suficiente para o consumo.

Resumindo, as principais características do escravismo são: surgimento da propriedade privada; divisão da sociedade em classes sociais, escravos e senhores de escravos; surgimento do Estado, como órgão de dominação de classe; o homem é o principal instrumento de produção.

### **O modo de produção feudal**

Com o declínio do Império Romano, a Europa ficou sem a proteção e as leis que o velho império oferecia. Isto foi preenchido pela criação de uma hierarquia feudal, na qual o servo ou o camponês trocavam fidelidade pela proteção dos senhores feudais. Da mesma forma, os senhores feudais eram protegidos por outros senhores mais poderosos, indo até o rei. Essa proteção dos fortes para os fracos tinha um alto preço. O pagamento podia ser em moedas, alimentos, trabalho, fidelidade militar. Em troca, os senhores garantiam o feudo um direito hereditário sobre o uso da terra.

O servo ocupava-se com o cultivo da terra e/ou criava ovelhas, objetivando alimentação e vestuário. Nas relações medievais predominavam os costumes e as tradições, baseadas num sistema de serviços e obrigações mútuas que envolvia toda a hierarquia feudal. No regime feudal existiam duas classes: o servo e o senhor feudal. Os servos não eram livres, na medida em que tinham obrigações, muitas vezes extremamente pesadas, das quais não havia como escapar. Mas eles também não eram escravos, não eram propriedades de outros homens.

A Igreja Católica, na Idade Média, foi a maior proprietária de terras, fazendo desta instituição algo mais próximo de um governo durante todo esse período. A classe dominante era formada pelos senhores religiosos e pela nobreza feudal. "Em troca de

## Caderno de texto

apropriações muito pesadas do trabalho, da proteção e do dinheiro do servo, a nobreza dava proteção militar e a Igreja, ajuda espiritual". [ 4]

Havia importantes centros manufatureiros na Europa - medieval, onde os bens eram vendidos aos feudos ou troca-

dos no comércio distante. Nas cidades, o domínio econômico ficava por conta das corporações de ofício e só o ingresso nelas dava o direito de produzir ou vender qualquer bem ou serviço. Elas envolviam-se tanto em questões sociais e religiosas, quanto em econômicas. Essa sociedade era basicamente agrária, mas o próprio aumento da produtividade agrícola provocou mudanças que resultariam na dissolução do feudalismo e na passagem para o capitalismo. "O mais importante avanço tecnológico da Idade Média foi a substituição do sistema de plantio de dois campos para o sistema de três campos". [5] Apesar de parecer simples, essa mudança no campo resultou num fantástico aumento da produtividade. Além disso, o cavalo passou a substituir o boi no cultivo da terra, estendendo a área cultivável.

Houve um rápido aumento populacional e de concentração urbana, fazendo com que passassem a existir grandes e prósperas cidades. Cresceu a produção de bens manufaturados, com os trabalhadores rompendo os laços com a terra. Desenvolveu-se ainda o comércio de longa distância, graças à produção de excedentes de alimentos e de manufaturados.

A dissolução do regime feudal teve início com o fato de que, apesar do aumento de produtividade, o excedente social era cada vez menor e já não sustentava a classe dominante, provocando sérios e irreconciliáveis conflitos no interior dessa mesma classe, entre segmentos da nobreza e do clero. O comércio tornou-se uma força desestabilizante, que tendeu a acelerar a dissolução do regime.

Resumindo, as principais características do feudalismo são: sociedade dividida em duas classes básicas -o servo e o senhor feudal; o servo é submetido ao senhor feudal, dono das terras; a Igreja cumpre o papel dominador e centralizador próprio do Estado; a terra é o principal meio de produção; os feudos caracterizam-se pela policultura e são auto-sustentáveis.

## Caderno de texto

### *o modo de produção capitalista*

A transição do feudalismo para o capitalismo passou por várias fases. A primeira foi a da cooperação simples. O comércio expandia-se e prosperava, exigindo mais produtos manufaturados e fazendo com que o comerciante passasse a ter maior controle do processo produtivo. A indústria era artesanal e o artesão era o proprietário da oficina, das ferramentas, e do conhecimento do processo de produção.

No início desta, forma de sistema de trabalho doméstico, o comerciante oferecia a matéria-prima e pagava uma quantia para que o artesão transformasse a matéria-prima em produto acabado. Desse modo, o comerciante era proprietário do produto ao longo do seu processo produtivo, mesmo que esse fosse realizado em oficina independentes.

Uma outra fase da transição foi a da manufatura. Com o tempo, o capitalista comerciante toma-se proprietário das oficinas, ferramentas e matérias-primas. Ele passa a controlar os trabalhadores, que agora não vendem mais um produto acabado, mas o seu trabalho. Este tipo de trabalho desenvolveu-se primeiramente nas indústrias têxteis, onde os tecelões dependiam da venda a preço alto dos produtos para pagar suas contas e obter lucros. Desta forma, o controle capitalista foi estendido ao processo de produção e criou-se uma força de trabalho que nada tinha a vender, a não ser a sua força de trabalho.

Passadas essas fases, consolida-se o capitalismo como um sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção, cuja principal contradição é a produção social X apropriação individual. Ele se caracteriza pela exploração do homem pelo homem, num sistema dividido em duas classes principais e antagônicas: a burguesia e o proletariado.

Para que o capitalismo se desenvolvesse e se firmasse foram necessários alguns aspectos importantes, como o desenvolvimento da agricultura, o crescimento demográfico e a abertura (descoberta) de capitais e mercados. Outro importante aspecto a ser considerado no desenvolvimento da sociedade capitalista é a criação de uma nova mentalidade, baseada num pensamento econômico e filosófico, denominada de "livre iniciativa".

## **Evolução dos modos de produção**

## Caderno de texto

o desenvolvimento capitalista também ocorre em diversas fases: manufatura, com a indústria artesanal; mercantilista, com a indústria subordinada ao mercado; industrial; e monopolista, já na fase imperialista. Para que esses modos de produção se alterassem foram necessárias algumas importantes invenções, como a máquina a vapor, a prensa hidráulica, a bomba hidráulica a fogo, a máquina perfuradora, o motor elétrico, a automação e a microeletrônica.

O primeiro país a fazer a sua revolução burguesa foi a Inglaterra, em 1648. Foi aí que o sistema capitalista se desenvolveu. A primeira máquina a vapor foi inventada neste país por James Watt (1776), originando a chamada "revolução industrial". Foi também na Inglaterra que surgiram as primeiras lutas dos trabalhadores e suas primeiras formas de organização. A partir das contradições básicas do capitalismo é que os sindicatos surgiram como forma de resistência dos trabalhadores contra o sistema capitalista.

A atual fase do capitalismo é a monopolista-imperialista. A base do monopólio é a concentração da produção e da renda nas mãos de alguns poucos capitalistas que dominam o mundo. A forma dessa concentração é a da formação de oligopólios multinacionais que controlam ramos inteiros da indústria mundial. Igualmente, a concentração monopolista se manifesta no capital financeiro internacional.

Esse sistema apresenta diversas contradições na sua estrutura, como a recessão prolongada, os desajustes sociais, o desemprego estrutural, corrupção, miséria. São problemas criados pelo próprio sistema e que ele não consegue resolver, tornando-o um regime superado historicamente, que provoca a degenerescência da sociedade humana.

Resumindo, as principais características do capitalismo são: propriedade privada dos meios de produção; produção coletiva X apropriação individual; duas classes antagônicas -burguesia e proletariado; exploração através da extração da mais-valia dos trabalhadores.

### **o modo de produção socialista**

## Caderno de texto

o capitalismo é uma fase específica e transitória do desenvolvimento da humanidade. Já o socialismo, um sistema baseado na propriedade social dos meios de produção, é o sucessor histórico do capitalismo. Ele surge das próprias contradições internas e estruturais deste sistema e decorre da vontade, consciência e luta dos homens e mulheres pela superação da exploração, pela emancipação social e política dos trabalhadores.

"O socialismo científico se caracteriza pela abolição do sistema de propriedade privada e pelo estabelecimento da propriedade social dos meios de produção. Põe em harmonia as relações de produção com caráter social das forças produtivas. Extingue, assim, a contradição básica do capitalismo (socialização da produção e apropriação privada dos bens produzidos), que determina a sua própria existência. O socialismo apóia-se no trabalho livre e no amplo desenvolvimento da técnica para assegurar ritmos capazes de impulsionar o progresso ininterrupto da sociedade e garantir o aumento constante do bem-estar material e espiritual dos trabalhadores e do povo. É um sistema destinado a liquidar a exploração do homem pelo homem". [6]

## NOTAS

1- Engels, F. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.

2- Engels, F. Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem.

3- Engels, F. A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.

4- Hunt, E.K. História do Pensamento Econômico -Uma perspectiva crítica. 5- Idem

6- Projeto de Programa Socialista. Partido Comunista do Brasil, 1993.

## A greve de Contagem em 68

**José Eustáquio do Prado \***

\* Diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim (MG)

*"Cada greve lembra aos capitalistas que os verdadeiros senhores não são eles mas os operários, que afirmam em voz cada vez mais alta os seus direitos. Cada greve lembra aos operários que a sua situação não é desesperadora, que eles não estão sós".*

Em 15 de março de 67 assumia a presidência da República o general Costa e Silva. Embora representasse a vitória do setor mais duro das Forças Armadas, ele iniciou seu mandato com um discurso de redemocratização. A esquerda, entendendo que havia espaço, promoveu manifestações contestando abertamente o regime ditatorial. Em 11 de maio daquele ano, entrou em confronto com o governador de São Paulo num grande ato contra a política econômica vigente.

A UNE se organizou clandestinamente. O estudante Edson Luiz, de 16 anos, foi assassinado no Rio de Janeiro pela polícia durante uma manifestação estudantil. Após o seu enterro, a polícia voltou a reprimir os estudantes. Em sua missa fúnebre, com 30 mil presentes, a polícia atacou, deixando feridos e vários presos. A sociedade civil (estudantes, jornalistas, Igreja Católica e a classe média -que antes tinha apoiado o golpe) se uniu e realizou uma manifestação de protesto com mais de 100 mil pessoas.

Como ficou provado por suas ações repressivas, o discurso de abertura política do general-presidente era só discurso mesmo. A contestação ao regime militar crescia em vários setores da sociedade e era duramente reprimida.

## **O contexto da revolta na região**

Os efeitos da situação econômica nacional combinaram-se de maneira peculiar na região de Belo Horizonte (MO). Seja porque a crise que afetava a indústria brasileira desde 1962 teve uma duração maior do que em outras áreas industrializadas do país, seja porque o "tratamento de choque" aplicado à economia pelo governo Castelo Branco gerou efeitos depressivos mais amplos que em outras partes do país. O fato é que Contagem, ainda em 67 e 68, apresentava problemas que em São Paulo já haviam sido superados (atraso de pagamentos de salários, redução do pessoal, demissões em massa, etc).

Em abril de 67, a Mannesmann dispensou 600 operários. Em dezembro surgiram vários casos de protestos por atraso no pagamento do 13º salário. Cerca de vinte pequenas empresas fecharam as portas por más condições financeiras (entre elas se encontrava a Minas Aço, que dispensou 170 empregados sem indenização). A AEI reduziu seu pessoal, demitindo 230 trabalhadores de um total de 300. Em fevereiro, 3.500 operários da Acesita entraram em greve pelo cumprimento do acordo que previa reajuste de salário. Em março, o Sindicato dos Metalúrgicos



## Caderno de texto

denunciava a Industan por despedir 40 operários por meios fraudulentos.

É neste clima de crise e insatisfação que se desenvolve a campanha eleitoral para a renovação da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, que se daria em julho. O Ministério do Trabalho ainda não regulamentara o processo eleitoral. A oposição, porém, se antecipou e formou uma chapa presidida por um operário da Mannesmann, Enio Seabra.

A chapa defende um programa de democratização do sindicato, através da expulsão dos pelegos e do incentivo à participação dos trabalhadores na vida sindical. Faz uma crítica à política salarial e às mudanças promovidas pelo governo na estabilidade de emprego (introdução do FGTS) e na previdência. Ela também defende a autonomia sindical (num simples protesto contra as restrições presentes, em especial contra a intervenção, pois os sindicatos ainda estavam por demais atrelados ao Ministério do Trabalho).

Em 23 de julho, em plena campanha e faltando poucos dias para as eleições, a Delegacia Regional do Trabalho (DRT/MG) impugna o nome de Enio Seabra, que em 64 já tivera seu nome vetado à presidência da entidade pela intervenção. A oposição, porém, recorre ao Ministério do Trabalho e entra com um recurso na Justiça, que lhe concede através de liminar o direito de concorrer. Ela consegue disputar as eleições e vence a chapa apoiada pela intervenção por uma diferença de 500 votos sobre um total de 3.900 eleitores.

Passadas as eleições e às vésperas da posse da nova diretoria, veio a resposta do governo. Diminuindo a euforia da vitória eleitoral, a DRT consegue a impugnação definitiva de Seabra e de outros três diretores. Este resultado trouxe grande prejuízo ao sindicato como organização, dando à categoria a impressão de uma representação duvidosa, pois ficara ds acontecimentos, mas não informam a origem da greve. As primeiras declarações do sindicato "também não fornecem nenhuma informação a respeito. Esta aparente omissão é altamente contraditória com o discurso de crítica à política salarial e os propósitos de democratização da vida sindical O presidente do sindicato declara-se à imprensa "surpre.w" e afinha que a greve começou "sem que ninguém soubesse de nada"

Alguns autores levam ao pé da letra essa declaração Francisco Weffort, no seu texto Participação e conflitos industriais: Contagem e Osasco, chega a dizer que "é notável uma direção sindical do tipo radical e democrática poder adequar-se de tal modo às exigências

## Caderno de texto

burocráticas da instituição que terminou completamente afastada dos sentimentos reais de seus representados". Ele acrescenta. "Parece que desde há algum tempo as atenções do presidente estavam voltadas apenas para o alto, para as discussões suscitadas pelo Ministério em torno da política salarial e lhe sobrava pouco tempo para olhar para baixo".

Entretanto, nas entrevistas que fizemos com oito grevistas da época, todos forneceram a informação de que o presidente e a maioria dos diretores promoviam pescaria, futebol de várzea, mutirão para assentar lajes e outras atividades com os ativistas das diversas fábricas com o verdadeiro objetivo de discutir a situação. Já se falava que a eclosão da greve se daria em primeiro lugar na Belgo-Mineira. Os dirigentes sindicais entendiam que fazendo tais discussões no sindicato corriam o risco de perder o fator surpresa, pois o sindicato estava constantemente vigiado por agentes do governo e das empresas.

Essas entrevistas com os grevistas da época nos levam a acreditar que as declarações públicas do presidente do sindicato eram uma tática para fugir de uma possível intervenção do governo. Não se pode esquecer da existência da feroz ditadura militar naquele período. Nesse sentido, pode-se afirmar que o sindicato tinha o controle indireto do movimento.

O fato é que os operários da trefilaria da Belgo-Mineira não se conformaram com o pequeno aumento de outubro de 67. Eles queriam um abono extra para descontar na próxima data-base. A greve teve início às 7 horas da manhã com a ocupação da empresa, imediatamente, os operários tentam criar uma organização com o objetivo de ampliá-la e mantê-la o maior tempo possível. Os grevistas elegem uma comissão de 25 membros para representá-los junto à direção da fábrica. Alguns diretores da empresa ficaram detidos para negociar com esta comissão.

Na primeira reunião de negociação, os diretores da empresa ofereceram 10% de aumento. Os operários recusaram, reivindicando 25% sobre o salário e mais o mesmo percentual sobre o trabalho noturno. Diante do impasse, os representantes da empresa e os operários chamaram o presidente do sindicato para mediar as partes. Fez-se nova reunião sem qualquer resultado.

Os grevistas, decididos a continuar com o movimento, formam grupos encarregados de manter a disciplina. Quando o representante da DRT chega para uma visita aos diretores da

## Caderno de texto

empresa surge entre os trabalhadores o temor da invasão policial, conforme era o costume do regime militar.

Desta forma, os grevistas organizam grupos de segurança para resistir caso a polícia invadisse a empresa.

Já organizados em suas diversas comissões, os grevistas recebem o apoio dos operários do segundo turno, engrossando o movimento de ocupação. No dia seguinte ao início da greve, a DRT considera a paralisação ilegal. Os operários abandonam a fábrica e se concentram no sindicato. Nesse mesmo dia, às 18 horas, a polícia militar passa a ocupar a empresa.

Nos três primeiros dias, a greve foi tratada apenas pelas autoridades locais. O ministro do Trabalho, coronel Jarbas Passarinho, estava informado, mas até então não se manifestara a respeito. Ele só deu as primeiras declarações no dia 19 de abril. Isto quando a DRT já havia realizado, no dia anterior, uma reunião para discussão do dissídio, sem solução. O movimento então já se ampliara. A Sociedade Brasileira de Eletrificação (SBE), com 500 empregados, fazia sua primeira greve. A reivindicação era basicamente igual a dos operários da Belgo.

### **As manobras do regime militar**

Tendo fracassado todas as tentativas de negociação, a greve ameaça expandir-se e durar mais do que se supunha inicialmente. Ela passa a incomodar o governo federal. Ocorre então a primeira declaração pública do ministro. Ele afirma que "sem cumprir qualquer dos requisitos legais e superando os próprios sindicatos, grupos provocadores fecharam a trefilaria da Belgo-Mineira, ocuparam esta seção e mantiveram presos engenheiros da empresa. Depois desocuparam a empresa e voltaram-se no sentido de obter o apoio de trabalhadores de outras empresas situadas na região da Cidade Industrial. Os boletins distribuídos por estes elementos falam até em derrubar o governo".

A declaração de Jarbas Passarinho deixou bem claro que o governo não estava disposto a tolerar a greve. Que para

tanto ele usaria os aparelhos repressivos à sua disposição, mas que iria priorizar a negociação, apesar de frisar que o movimento era ilegal. Diante das ameaças, no dia 20 de abril ocorre a primeira tentativa para se organizar a greve sob um só comando.

## Caderno de texto

A essa altura, mais uma empresa adere ao movimento -a Mannesmann, com cerca de 4.500 empregados.

A facilidade com que uma empresa do porte desta entra no movimento é, conforme já nos referimos, uma prova do trabalho de organização realizado pelo sindicato após o fechamento do acordo de outubro até a eclosão da greve em 16 de abril. Outro fato é que Enio Seabra, o presidente eleito do sindicato, era empregado da Mannesmann. A assembléia reunida logo após essa adesão aprova a formação de uma comissão de greve e de piquetes para tentar ampliar o movimento. Seabra é eleito presidente da comissão.

Tudo indicava que depois desta importante adesão a greve teria finalmente uma forma de organização mais sólida e um líder reconhecido. Não há, porém, provas de que as coisas tenham ocorrido desse modo. Ao que parece a comissão não chegou a se constituir de maneira efetiva. Há indicações de facções várias em conflitos, inclusive com correntes estudantis querendo dirigir a greve. Essas divergências trouxeram prejuízos ao movimento. Estes indícios, entretanto, não são comprovados. O fato é que, ao que parece, a greve ficou apoiada apenas na combatividade dos operários, sem uma organização forte e visível.

Quando o ministro do Trabalho chega em Belo Horizonte, em 20 de abril, a greve já englobava três empresas e atingia 6 mil trabalhadores. O ministro procurou a diretoria do sindicato para um entendimento, mas já sabia que a greve não tinha um comando único que representasse os grevistas. Os registros indicam que as lideranças não se expunham abertamente (certamente por temor à repressão do regime militar). Na falta destes líderes, escondidos na clandestinidade restou ao ministro, portanto, negociar com a massa dos trabalhadores.

O ministro falou diretamente aos trabalhadores reunidos em assembléia. Afirmou sua intenção de dialogar e tentou esclarecer a posição do governo em relação à política salarial. Mas ameaçou igualmente com a ilegalidade da greve e com as punições políticas que esse ato acarretava. Suas declarações não causaram boa impressão na assembléia. Os grevistas viram nas ameaças que o governo entendia a greve como um movimento político pela derrubada do regime. Os trabalhadores responderam que seu

## Caderno de texto

movimento era o resultado do arrocho salarial, que não tinha ligação com nenhum grupo e que era autêntico e espontâneo.

Os grevistas também deixaram claro que não aceitavam suas explicações para a ausência de uma política salarial clara. O ministro atribuiu à oposição, ao MDB da época, o atraso na reformulação da citada política. Nessa hora, recebeu uma vaia geral da assembléia. O episódio indicou que o poder de barganha com o qual podiam contar os trabalhadores para a negociação era Q que resultasse da expansão da própria greve.

Os que estavam presentes na assembléia tinham a esperança e a expectativa de que o movimento deveria ampliar-se, pois o arrocho salarial era exasperador e atingia todas as categorias profissionais do país. Houve até quem defendesse uma greve geral nacional "detonada por Contagem". Para júbilo dos que assim pensavam, no dia seguinte, além da adesão de mais 2.300 operários da Belgo-Mineira, que ainda trabalhavam, aconteceu a paralisação de três outras empresas do mesmo parque industrial: a Industan, a RCA Victor e a Demissão.

### **Significado histórico da greve**

Contudo, não existiam condições concretas para uma ampla expansão do movimento. Além da desorganização já citada, o que limitava muito a capacidade de manobra é que, ao contrário de Osasco e de outras cidades industriais, Contagem estava isolada no que se refere a concentração de operários. A população total da cidade na época era de 33 mil habitantes; os operários de todas as Categorias não passavam de 18 mil. Ainda por cima, eles não contavam com representantes legais, nem meios de negociações. Estavam quase ao sabor do que o governo lhes oferecesse. Mesmo assim, como se verá, os grevistas não se rederam,

A posição forte era naturalmente a do governo federal, nesta época um regime ditatorial. No mesmo dia, o ministro anuncia a preparação de uma proposta de conciliação. Ela é acompanhada da seguinte afirmação: "A recusa da proposta significa uma declaração de guerra". A proposta oficial será um pouco diferente da única apresentada pelos patrões da Belgo-Mineira -o mesmo abono de

## Caderno de texto

10% oferecido pela empresa, mas sem o desconto no próximo reajuste salarial.

A maioria da diretoria do sindicato defende a proposta, mas a assembléia geral a recusa. O impasse continua. A nosso ver, esse episódio demonstra que o movimento estava radicalizado e sem comando -já que o aumento de 10%, apesar de pequeno, representava uma derrota da política de arrocho do regime militar. Era evidente que, apesar da coesão dos grevistas, não se iria avançar muito mais na conquista e que a greve tendia a se fragilizar diante do governo.

A greve ainda se amplia um pouco mais no dia 22 de abril, data do seu apogeu. Mais dez empresas aderiram na base dos piquetes dos operários da Belgo-Mineira e da SBE, que eram as linhas de frente do movimento. As novas adesões vêm da Simel (com 800 trabalhadores), Metalúrgica Belo Horizonte (800), Triângulo (650), Pollig-Haeckel (500), Minas Ferro (500), Mafersa (360) e mais quatro empresas de pequeno porte.

Nesse dia, a assembléia que naturalmente nestas condições são diárias busca novamente organizar e ampliar a comissão de greve, incluindo representantes de todas as fábricas paralisadas. As diretorias dos sindicatos dos metalúrgicos e dos bancários (que estavam apoiando o movimento) também decidem buscar a ajuda possível na própria estrutura sindical oficial e começam a desenvolver contatos com entidades de outros Estados do país.

Os esforços de ampliação, porém, chegam atrasados. Após a recusa da sua proposta, o governo já tomara certas decisões para evitar a maior organização da greve. O ministro do Trabalho volta a falar aos trabalhadores e à população em geral, utilizando cadeia nacional de rádio e televisão. Ele tenta manipular a opinião pública, referindo-se ao aumento do salário, e enfatiza que a greve é ilegal e "pode trazer conseqüências para todos".

Era chegado o momento supremo do baile de máscara em que estas são retiradas. O governo revela o que era evidente: uma carranca de ogro e a força de um juiz de direito, que no alto de sua autoridade julga um ladrão de galinhas. Os trabalhadores, não obstante à sua combatividade, mostram seu desamparo semelhante

## Caderno de texto

a um filhote sem a mãe -fruto da falta de lideranças fortes, de uma organização sólida e de um contexto político bastante adverso.

Era o fim de um movimento grevista histórico. Em obediência às determinações do governo, a Polícia Militar ocupa a cidade industrial de Contagem, proíbe as assembléias dos grevistas, a distribuição de boletins e os ajuntamentos nas ruas e praças públicas. A violência do regime militar contra a greve é total. Termina assim uma das mais heróicas greves operárias do Brasil.

Mas ela deixou lições valiosas de garra e coragem ao enfrentar uma ditadura na sua fase mais aguda, dizendo com palavras não ditas que todo o regime, por mais truculento que seja, pode e deve ser colocado em xeque. Se tivesse uma melhor organização e maior integração com outros Estados, os trabalhadores poderiam implodir o governo militar ou causar-lhes sérios danos. Isto na medida em que disseminaria pelo país a idéia da não aceitação do arrocho salarial, que era imprescindível à política entreguista que a ditadura tinha para o Brasil.

## **Significado da insurreição de 35**

Maria Antonieta Galvão \*

*\* Dirigente da CUT Estadual de Pernambuco*

Há 58 anos, o Brasil viveu uma das mais ricas experiências de combate ao jugo imperialista, às atrocidades fascistas e ao monopólio da terra. Difamado até os dias atuais pelas forças da reação, o movimento insurrecional de 1935 representou, com seus

## Caderno de texto

erros e acertos, um episódio corajoso de luta.'l pela libertação do povo brasileiro. Ele está inscrito na história do país.

A crise de superprodução capitalista vivida pelos Estados Unidos em 1929, que resultou na queda das ações na Bolsa de Valores da Nova Iorque, provocou inúmeros danos à economia mundial. Países como o Brasil, que dependiam da exportação de seus produtos para os EUA, viram seus estoques aumentarem sem a existência de um mercado consumidor. Ao lado do desequilíbrio da produção econômica, crescia o desemprego e os preços eram majorados ao mesmo tempo em que ocorria uma significativa redução do poder aquisitivo dos assalariados.

Estes fatores provocaram o agravamento dos conflitos sociais deflagrados pelas camadas mais exploradas da população. Os graves problemas sócio-econômicos de 29 geraram o enfraquecimento dos regimes democráticos e o fortalecimento das idéias que apontavam para a necessidade da centralização do poder nos Estados capitalistas. Esta era a forma encontrada pela burguesia para solucionar a crise do seu sistema e para barrar o avanço das idéias socialistas, que representavam um pesadelo para as classes dominantes.

Surgia a base para a consolidação dos regimes totalitários, como o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha. Esse projeto passou a ser representado no país pela Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada por Plínio Salgado, em 32, de ideologia nazi-fascista.

*A criação da Frente anti-imperialista* O Brasil foi profundamente afetado pela crise de 29/32. Ocorreram demissões, em massa e a redução brutal dos salários. O governo de Getúlio Vargas, além de representar os interesses do imperialismo e das oligarquias nacionais, implantou medidas que visavam restringir a democracia e inviabilizar a organização da classe operária e do conjunto dos trabalhadores.

A ameaça da implantação de uma ditadura fascista no país forçou a união de amplos setores da sociedade contra os integralistas, que tinham o apoio velado do governo e utilizavam-se de métodos violentos para combater e aniquilar as forças democráticas. Como exemplo desta ação, pode-se citar a inauguração do I Congresso Nacional contra a Guerra, em 23 de Agosto de 1934, que foi dissolvida pelas forças policiais enviadas pelo governo. Na mesma



## Caderno de texto

noite, os integralistas promoveram o assassinato de lideranças anti-fascistas. Os trabalhadores reagiram no dia seguinte numa manifestação de protesto com cerca de 40 mil presentes.

As tentativas de Getúlio Vargas de impedir a criação de uma frente anti-fascista foram derrotadas. Em 30 de março de 1936 é fundada a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Esse movimento, de caráter anti-imperialista e democrático, aglutinou comunistas, socialistas, camponeses, operários, organizações da juventude e de mulheres, intelectuais, tenentistas, deputados progressistas, etc.

O programa da ANL defendia:

- 1) Suspensão definitiva do pagamento da dívida externa;
- 2) Nacionalização das empresas imperialistas;
- 3) proteção aos pequenos e médios proprietários e lavradores;
- 4) entrega das terras dos latifundiários aos trabalhadores que as cultivavam;
- 5) liberdades democráticas para brasileiros e estrangeiros que trabalhavam no Brasil;
- 6) constituição de um governo popular.

Sob a direção política do Partido Comunista do Brasil (PCB), a ANL constituiu núcleos em vários Estados e chegou a contar com cerca de 1.500.000 filiados. Além desses, ainda possuía um número significativo de simpatizantes. Em

maio de 1935 foi criado o Comitê Coordenador de Luta contra o Imperialismo e o Integralismo, com a participação da Confederação Sindical Unitária do Brasil, União da Juventude Estudantil, Centro de

Defesa da Cultura, União Brasileira de Mulheres e de vários outros segmentos organizados da sociedade civil.

A Aliança Nacional Libertadora teve também papel destacado no enfrentamento à Lei de Segurança Nacional, editada pelo Governo Vargas. Ela realizou greves de protesto em São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco. Através da ação da ANL, muitas manifestações de fascistas foram desmobilizadas e em várias cidades foram formadas as Brigadas Populares de Auto-defesa, com o objetivo de proteger os aliancistas das investidas dos grupos integralistas.

Em virtude do seu crescimento, a imprensa burguesa iniciou intensa propaganda anti-comunista, acusando a ANL de não defender os interesses nacionais, de copiar o modelo soviético e de

## Caderno de texto

ser formado por grupos extremistas. Respalhado nestas investidas da imprensa, Getúlio Vargas assinou em 12 de julho um decreto proibindo as atividades da ANL; acusando-a de tramar um golpe de estado. Alguns dias após a publicação do decreto, mais de 300 pessoas foram presas sob a acusação de conspiração contra o Estado.

As forças reacionárias decidiram desenvolver um ataque mais ostensivo contra a Aliança Nacional Libertadora, procurando também dividir suas forças através da intensa campanha anti-comunista. Apesar das tentativas de resistência ao decreto 12 de julho, através de manifestações e greves operárias, a investida do governo terminou por agudizar as contradições de classe existentes no interior da ANL. Instaurou-se entre uma parcela significativa da pequena burguesia, que atuava no movimento, um certo descrédito no seu êxito. Outros setores passaram a adotar uma posição de neutralidade.

Apenas o Partido Comunista do Brasil e os segmentos tenentista das Forças Armadas resistiram à ofensiva da burguesia. Desta forma, ocorreu uma alteração considerável na correlação de forças, favorecendo os setores reacionários da sociedade. Entretanto, a direção da ANL interpretou essa inversão do quadro político com um "pequeno recuo" e julgou que estavam amadurecidas as condições para a deflagração de uma revolta armada revolucionária.

## **Rebelião em Natal e repressão militar**

Durante o ano de 1935, o Partido Comunista, mais do que a ANL, adquiriu grande prestígio no Rio Grande do Norte. Cerca de 52 sindicatos encontravam-se sob sua direção e o movimento grevista desenvolvia-se rapidamente, registrando no período de outubro/novembro cerca de 150 mil grevistas.

## Caderno de texto

Após a proibição da Aliança Nacional Libertadora, o Partido Comunista adotou como orientação a preparação de um movimento armado contra o governo Vargas. Todavia, segundo depoimento de José Praxedes de Andrade, um dos líderes do movimento de 35, não havia a orientação da direção do partido em Recife para a deflagração do levante naquele momento, tendo o mesmo resultado da precipitação dos militares do 2º Batalhão de Caçadores do Rio Grande do Norte, dirigidos pelo cabo Giocondo Dias.

Que "no Brasil, o Partido Comunista, que constitui a base correta para o desenvolvimento da frente única com a fundação da ANL, deve fazer o máximo de esforços para estender ainda mais esta frente e atrair, antes e acima de tudo, as massas de milhões de camponeses com o propósito de orientá-las na formação de unidades de exército popular revolucionário com o fim do estabelecimento do poder da Aliança Nacional Libertadora".

Também o sectarismo de alguns aspectos, que norteou o trabalho de frente única, restringiu as possibilidades de ampliação da ANL, deixando de incorporar diversos grupos descontentes com a política de Vargas. O Partido Comunista do Brasil encontrava-se impregnado por concepções tenentistas, pelo radicalismo pequeno-burguês. Confiante numa vitória fácil e no apoio dos quartéis, foi incapaz de avaliar corretamente a correlação de forças estabelecida e a necessidade de conquistar as massas para a insurreição.

Entretanto, é preciso destacar que a existência da ANL foi de fundamental importância na resistência contra a implantação de uma ditadura fascista no Brasil. Ela também criou a base política para a participação do país na guerra contra o fascismo na Europa. Acima de tudo, a insurreição de 35, mesmo derrotada, foi um importante aprendizado do proletariado brasileiro na sua luta histórica pela emancipação social e política.

## BIBLIOGRAFIA

-Koval, Boris. História do Proletariado Brasileiro. São Paulo, Editora Alfa Omega, 1992.

-Filho, Moacyr de Oliveira. Praxedes -Um Operário no Poder. São Paulo, Alfa-Omega, 1985.

## Caderno de texto

-Pomar, Pedro. A Gloriosa Bandeira de 1'35.! Jornal" A Classe Operária", número 102, Novn5, São Paulo.

## **Relação dos sindicatos conveniados ao CES e dos respectivos monitores**

## **Comerciários de Salvador**

- Amarildo Carvalho de Souza
- José Evangelista Rios da Silva -Claudio Santos Mota
- José Carlos da Silva Costa (Gury)\*

## **APLB -Sindicato/BA**

- Eulália Lima Azevedo -Marilene Gomes
- Zózina Rocha de Almeida
- Percival dos Santos

## **Metalúrgicos/BA \***

- Moisés Hamilton dos Santos
- Hermes Ribeiro Nogueira

## **Alimentação do Ceará\***

- Carlos Rogério Nunes

## **Comerciários de Caxias do Sul/RS**

- Guiomar Vidor
- Pedro Pereira de Souza -Solange Carvalho

## **Sintaema/SP**

- Helena Maria da Silva -Helifax Pinto de Souza -Rene Stettner
- Dirceu Alves Ribeiro -Floriano Lisboa da Silva

## **Sindipetro/RN**

- Jailson Costa (Bola)
- Mário Jacome de Lima -Fátima Viana
- Márcio Azevedo Dias
- Marco Aurélio P. E. Carvalho -Luís Carlos da Silva

### **Bancários de Taubaté/SP**

-Edson Santos Louzada \*

### **Municipais Presidente Prudente/SP \***

-Eunice Gambale Borges

### **Metroviários/SP**

-Eduardo Simão Dias \*

-Flávio Montesinos Godoi \*

### **Sinpro-Campinas/SP**

-Marize Aparecida Lima

-Augusto Cesar Pena

### **Comerciários de Itabuna/BA**

-Jairo Araújo Santos

-Ramon Cardoso dos Santos

### **Asseio e Conservação/CE**

-Mário Maia da Silva

-Raimundo Ivan F. da Silva

-Francisco César de Almeida

-Raimundo Zacarias da Silva

-Elizeu Rodrigues Gomes

### **Comerciários/CE\***

- José Maria Ferreira da Silva

### **Correios/CE\***

## Caderno de texto

-Antônio Leonardo G. Costa

### **Sindipetro/CE\***

-Aloizio Nunes de Arruda

-Carlos Stênio Pereira Moraes

### **Sinpro/DF**

-Olgemir A. Ferreira de Paiva

-Anene Lobato Maia

-Izabela Costa Brochado\*

### **Bancários de Itabuna/BA**

-Ricardo Carvalho da Silva

### **Metalúrgicos São Luís/MA**

-Valdir de Castro Silva

-Alex Luís da C. Alexandre

-Altemar Lima\*

### **Metalúrgicos de Betim/MG**

-José Eustáquio P. do Prado -Marcelino O. da Rocha\*

-Alvimar da Luz Dias \*

### **Sinpro/MG**

-Josiany França

-Alberto Veras Gonles Junior

-Gilson Luís Reis

-Renato Sergio P. Pina

## Caderno de texto

- Rosana Marisa Silva
- José Mariano de Lana\*
- Elizabeth do Nascimento Mateus
- Geraldo Santos O. Junior\*
- Rosalva Saraiva Lelis\*

### **Sindibel/MG**

- Sulavan Fomazier Santana
- Raimundo Coelho da Silva \*
- Washington LuizAlexandre\*

### **Educação de Alagoas\***

- Aguinaldo Texeira Junior

### **Construção Civil Salvador/BA**

- Hilário de Jesus Leal

### **Municipais de Marília/SP**

- Adeir Ribeiro Alves \**
- Menadel Rodrigues*

### **CSC/RS**

- Sonia Corrêa

### **Construção Civil/PA\***

- Jorge Luís F. Oliveira
- Ricardo Barbosa de Oliveira

### **CSC/PE**

- Maria Antonieta da T. G. Galvão
- Antonio Carlos da Silva Miranda



Caderno de texto  
**Metalúrgicos de Coxias do Sul/RS**

- João Elderi de Oliveira Costa
- Eremi Fatima Melo Fragoso

**Bancários de Belo Horizonte/MG**

- Danilo Aguiar Ferreira *Bancários de Salvador/BA*
- Elias Lopes dos Santos
- Henrique Baltazar da Silveira Filho
- Aguinaldo Matos Batista\*
- Adilson Gonçalves Araújo
- Alda Valéria Garcia \*
- Emanoel Souza de Jesus\*

**Bancários de Vitória da Conquista/BA \***

- Antônio Eduardo S. Moraes
- José Carlos dos Santos Lima

**Sindsep/ES**

- Marcelo Fernando Gonzaga de Campos

**Bancários/AL**

- Miriam B. Albuquerque
- Geovani Farias de Lima
- Daniel Nunes Pereira \*
- Jairo Luís de França